

ARTE E CULTURA CONTEMPORÂNEA

select

ECOFEMINISMOS
EM DEBATE

ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA
#FLORESTAPROTESTA
DENILSON BANIWA
GUERREIRO DO DIVINO AMOR
VANESSA LORENZO

Kalvin Edo - Espelho da Vida
(2020), de Dalara Tukano, em Most
'Erenkato Eseru' - Cantos para a
Vida (2020), na Pinacoteca

OUT/NOV/DEZ 2021 VOL. 10 N. 52

ACROBÁTICA



XADALU TUPÃ JEKUPÉ: ORBITANDO AS BORDAS

Artista provoca o choque e o cruzamento de culturas, saberes e práticas, encontrando nas impurezas a força de seu trabalho

THIAGO FERNANDES

Tupã refere-se ao Oeste, a cidade dos trovões – uma das quatro localidades celestiais na cosmologia Guarani. Jekupé é aquele que orbita as bordas, como um informante, uma espécie de radar da aldeia. Esses são os dois nomes revelados a Dione Martins da Luz pelo cacique Karai Tataendy Ocã, em seu processo de reconexão com a ancestralidade indígena. O primeiro, Tupã, identifica de onde ele vem, enquanto o segundo, Jekupé, o que faz. Os nomes nos contam tanto sobre a pessoa como sobre o artista Xadalu Tupã Jekupé (se é que poderíamos separá-los), cujos trabalhos estão em constante trânsito entre cidade, aldeia e espaço expositivo. Orbitando as bordas, o artista mestiço provoca o choque e o cruzamento de culturas, saberes e práticas, encontrando nas impurezas a força de seu trabalho.



Acima, o artista realiza ação na base da Catedral Metropolitana de Porto Alegre; à direita, Existe Uma Cidade Sobre Nós (2021), de Xadalu Tupã Jekupé

Xadalu, nome adotado na infância, nos oferece mais um dado para conhecê-lo: sua origem (na verdade, Shadaloo) está na série de jogos e animação japonesa *Street Fighter*, difundida no Brasil no contexto de globalização na década de 1990. Trineto de indígenas, nasceu na cidade de Alegrete, antiga terra chamada Ararenguá, no oeste do Rio Grande do Sul, migrando mais tarde para a periferia de Porto Alegre. Sua trajetória – desde os primeiros trabalhos de intervenção urbana, no início dos anos 2000, aos mais recentes – é marcada pela vivência na metrópole e pela descoberta de si. Xadalu foi atrás de sua ancestralidade quando desenhou um personagem indígena e o multiplicou em milhares de cópias em *sticker* pelas ruas de Porto Alegre, como um repovoamento simbólico e indicador da presença indígena que persiste no Centro da capital gaúcha. Mas, no processo de busca de si, ele é que foi encontrado pela comunidade Guarani Mbyá, graças ao alcance do seu trabalho nas ruas. Desde sua integração com a comunidade, esse poder da visibilidade vem sendo explorado pelo artista para criar formas de aparição, identificação e territorialização, sempre em diálogo, jamais só. Em mais uma situação de trânsito, o artista esteve na região da Gamboa,



no Centro do Rio de Janeiro, para uma residência de dois meses na nova casa do Instituto Inclusartiz. Encerrando-a no dia 11/9 com um ateliê aberto, Xadalu conversou com o público e apresentou os trabalhos resultantes desse período de trocas. Entre eles destaca-se Existe Uma Cidade Sobre Nós (2021), que fala do espírito absoluto do espaço e da construção de cidades sobre cemitérios indígenas. Os pequenos espíritos, Nhe'ry, que ainda habitam as grandes cidades, são evocados pela multiplicação da imagem de uma cabeça indígena, pintada sobre pequenos pedaços de tecido, contornados por bordados realizados em colaboração com as costureiras da Gamboa. Sua forma segue uma síntese e repetição similar aos trabalhos de arte urbana. Justapostas na parede, as pequenas peças somadas ocupam

um espaço de 4 x 5 metros. Uma variação da imagem numa escala monumental, localizada à frente das demais, evoca Nheru, que lidera a revolução espiritual, despertando do chão e conduzindo os espíritos no espaço. A imagem trabalhada por Xadalu é uma releitura das figuras indígenas esculpidas na base da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, que, por sua vez, são inspiradas nas cabeças colossais produzidas pela cultura Olmeca, do México, civilização-mãe dos povos mesoamericanos. As cabeças indígenas sufocadas na base da igreja gaúcha, mostrando o triunfo do catolicismo e o apagamento das culturas ancestrais, emergem do solo que soterrou antigos aldeamentos e ganham encantamento na obra de Xadalu. Esse processo de transmissão e ressignificação de imagens adquire novas dobras na Gamboa, sendo tocado pela proximidade do Cais do Valongo e do Cemitério dos Pretos Novos. Território de disputas políticas e simbólicas, bem como de memória visual que persiste pela presença da arte urbana e das iniciativas estético-políticas locais, os espíritos do espaço e as camadas históricas ali soterradas se comunicam com o trabalho de Xadalu, afirmando sua vocação transitiva e conectiva. ■